

Vol XVI, Núm 2, jul-dez, 2023, pág. 6-7.

DOSSIÊ

A EJA E A PANDEMIA DE COVID-19, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DO BRASIL E PORTUGAL

A História da Educação de Jovens e Adultos (EJA) desvela os limites da sociedade brasileira em relação à distribuição da riqueza socialmente produzida, da democracia, do acesso e reconhecimento dos bens culturais e do respeito às diversidades. Demonstra a exploração dos trabalhadores e a sujeição desses às várias formas de precarização do trabalho que se acentuam quando combinada à condição de gênero e raça-etnia. Isto porque a Educação de Jovens e Adultos vincula-se fundamentalmente aos sujeitos que foram excluídos da escola ou que nem chegaram a ela em função das determinações sociais colocadas. São sujeitos fronteiriços e, por isso mesmo, vivem a situação de estar e não estar nos lugares de forma prolongada, segura e estável, como requer, por exemplo, os processos formativos. A tensão e instabilidade social os fazem, em sua maioria, adiar frequentemente as pretensões do retorno ou da ida à escola.

Historicamente as ações ou políticas educacionais expressaram concepções que tomam essas condições como um dado natural, que devem, portanto, nortear os planos de governo. Se os sujeitos da EJA vivem essa instabilidade, os processos formativos devem ser encurtados, restritos e instrumentalizados para o trabalho simples.

A EJA é também a porta de entrada de uma grande parcela da população às instituições escolares. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2019, mais da metade das pessoas com 25 anos ou mais não concluíram a Educação Básica, ou seja, 69,5 milhões de brasileiros e brasileiras. A opção de retorno está nessa modalidade educativa. Importante ressaltar, portanto, que diante desses e outros números, a EJA não se destina a um público residual.

A Constituição do Brasil de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, o Parecer CEB n. 11 de 2.000, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos reconhecem a educação como um direito público subjetivo e versam sobre as especificidades dos sujeitos da EJA. Importante avanço para a criação e prática de novos parâmetros para essa modalidade educativa, superando o aligeiramento e a instrumentalização dos processos formativos destinados a esses estudantes. Reconhece-se em parte, ao menos, que a situação social é aspecto fundante para a não conclusão da educação básica de milhões de brasileiros e brasileiras.

O avanço legal e a luta por uma educação emancipatória, de qualidade acadêmica e socialmente referenciada ainda enfrentam muitos desafios para sua efetivação. Contudo, de diversas formas, a EJA continua sendo fortemente pautada na disputa política. Esse dossiê expressa uma dessas ações, por ora, na arena da pesquisa.

Todos os artigos tratam da EJA no período pandêmico, permeados pelo discurso de Paulo Freire, patrono da educação brasileira que no ano de 2022 completou seu

centenário de vida e a quem essa coletânea de artigos também enseja prestar uma homenagem pela grandiosa contribuição na formação das educadoras e educadores de todo o mundo.

Para a elaboração deste dossiê fizemos um projeto interinstitucional que gerou uma pesquisa com vários olhares sobre a EJA antes, durante e depois do período pandêmico da Covid-19, nos seus diversos segmentos como docência e estudantes da EJA, EJA/Campo, EJA egressos, PROEJA, entre outros.

Este dossiê é formado por dez artigos nacionais e internacionais. O primeiro deles “Educação de Jovens e Adultos e o cenário da Pandemia de Covid-19: estado da arte das pesquisas brasileiras” trata de um levantamento dos artigos publicados em revistas científicas brasileiras sobre a EJA e a Covid-19; os cinco artigos seguintes tratam de pesquisas voltadas aos estudantes da EJA na pandemia de Covid-19 em seus diferentes contextos, a saber, estudante da EJA com deficiência “*Na sala de aula eu descobri*”: (Re) existência e constituição do *ser mais* na Educação de Jovens e Adultos em tempos de pandemia”; estudante da EJA do Campo, “EJA Campo pós pandemia Covid-19: um estudo voltado ao ensino de Física em Tracuateua-PA”; EJA na Educação Profissional “EJA Integrada à Educação Profissional (PROEJA) e a pandemia da Covid-19: Vivências e Experiências dos/as estudantes”; estudantes egressos da EJA “Egressos da EJA no Ensino Superior: trajetória de desafios E Potencialidades” e , Educação de Adultos em Coimbra/ Portugal no período pandêmico “O Outdoor Learning como proposta de diversificação de espaços educativos para pessoas adultas: reflexões a partir de uma experiência portuguesa em tempos de pandemia”.

Os três artigos que seguem abordam a formação docente na EJA e analisam as práticas docentes em meio ao ensino remoto emergencial, são eles, “Não há mudança sem sonho: a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como um motor de esperança”; “A Docência na EJA no contexto do desmonte da função social do Estado: práticas educativas sob a perspectiva freireana”; “Discursos sobre a EJA Campo nas territorialidades amazônicas em tempos de pandemia da Covid-19”; por fim o artigo “Educação de Jovens e Adultos em tempos de pandemia e isolamento social” apresenta uma pesquisa com estudantes e professores da EJA sobre a utilização de redes sociais para a promoção do ensino no período da pandemia de Covid-19.

Desejamos a todos uma boa leitura e votos de que possamos por meio deste dossiê promover uma reflexão sobre a necessidade imediata de repensarmos novos caminhos para a EJA em especial nesse cenário caótico pós-pandemia.

Prof^a Dr^a Nivia Maria V. Costa - IFPA/Campus Bragança
E-mail: nivia.costa@ifpa.edu.br

Prof^a Dr^a Mad’Ana Desirée Ribeiro de Castro - IFG/ Campus Goiânia –
E-mail: mdrcastro16@gmail.com
Organizadoras